

LOURENÇO LUIS LACOMBE

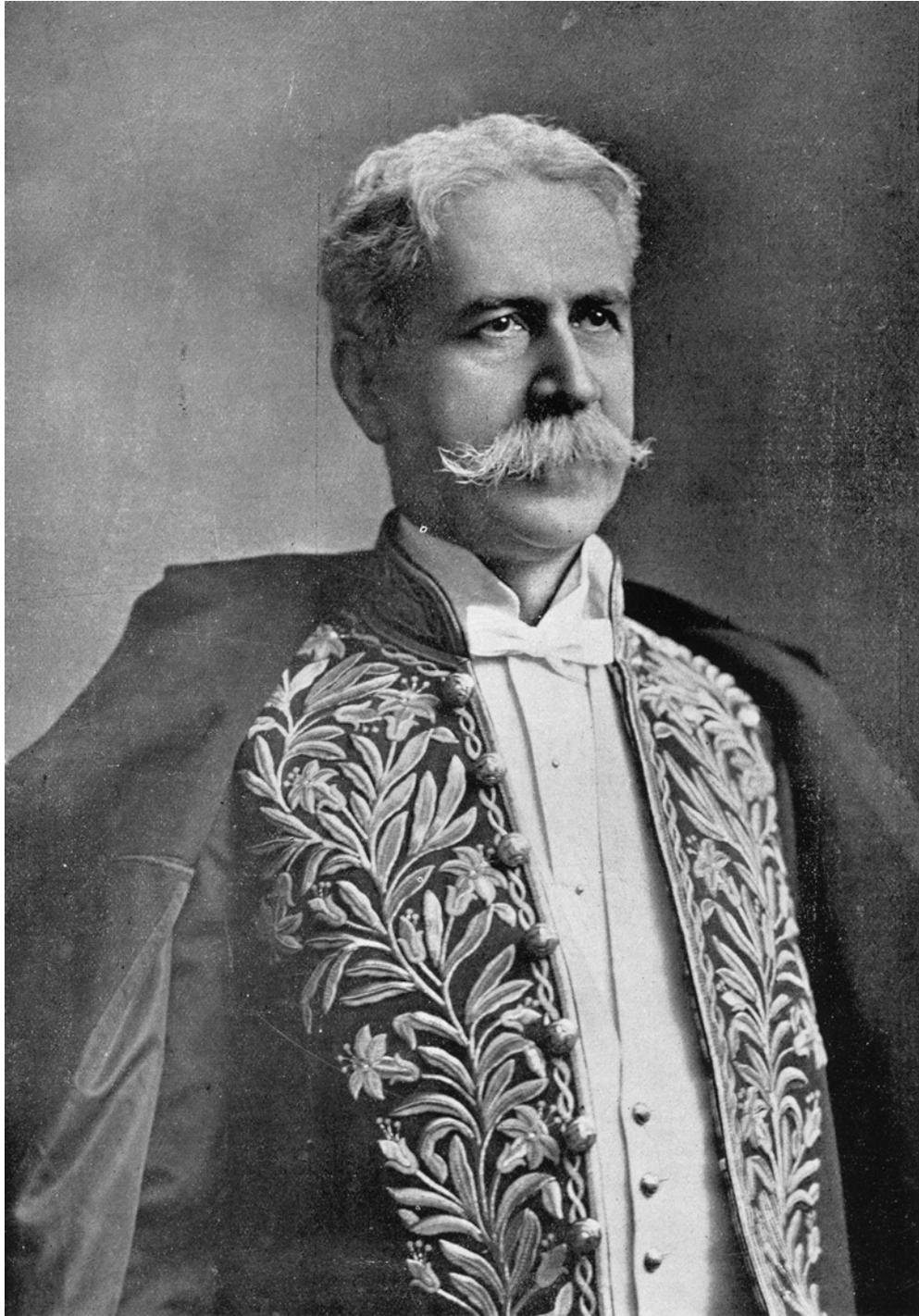
O TRONCO DA FAMÍLIA  
NABUCO DE ARAÚJO

Rio de Janeiro - 1953

SEPARATADO  
**ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL**  
DE 1950

**O TRONCO DA FAMÍLIA NABUCO  
DE ARAÚJO**





Joaquim Nabuco  
19-VIII-1849 - 17-I-1910



## O tronco da família Nabuco de Araújo

Não é extensa, nem muito conhecida entre nós, a documentação existente, e divulgada até agora, a respeito dos antepassados da família Nabuco. Os biógrafos dos dois Nabucos não aprofundam as raízes dessa árvore genealógica e referem-se mesmo vagamente aos ancestrais do nosso primeiro embaixador.

O livro *Um Estadista do Império*, tão minucioso e preciso em seus informes, não traz muitas referências às gerações anteriores ao pai de José Tomás Nabuco de Araújo. Assim é que, depois de falar do nascimento e batismo de seu biografado, escreve o autor: “O primeiro José Tomás era filho de Manuel Fernandes Nabuco, irmão do chanceler José Joaquim Nabuco de Araújo, que faleceu barão de Itapoã e senador pelo Pará”. E, adiante, a respeito dos pais do primeiro José Tomás, vagamente informa chamar-se sua mãe d. Mariana Joaquina, e transcreve um trecho de carta sua em que menciona dois filhos militares. O pai e homônimo do *Estadista do Império*, diz-nos Nabuco, “contraíra casamento com uma jovem baiana, filha de um doutor Costa Ferreira”...<sup>1</sup>. E nenhuma outra informação nesse livro aparece a respeito dos antepassados do ilustre autor.

Também d. Carolina Nabuco, biografando o pai, no primeiro capítulo de seu livro, que expressamente intitula: “Antepassados. Infância”, não atinge os troncos mestres de sua árvore genealógica. Assim, diz ela, em seu excelente livro: “Pelo lado paterno, pertencia a uma família de políticos cujo nome honrado seu pai tornara ilustre. Os Nabuco de Araújo, de boa origem portuguesa, estabeleceram-se na Bahia no meio do século dezoito. O primeiro senador do nome foi o chanceler José Joaquim, barão de Itapoã, que figurou na Constituinte e representou depois o Pará no Senado vitalício. Era tio-bisavô de Joaquim Nabuco. Seu avô, e seu pai

---

1. Joaquim Nabuco. *Um Estadista do Império*, São Paulo, 1936, I volume, pp. 1-2.

em seguida, ambos José Tomás ocuparam cadeiras do Senado, o primeiro sem brilho, votando sistematicamente com os governos, e o segundo com a autoridade e o prestígio que cabiam a uma das primeiras figuras de sua época.”

E é toda a informação que se obtém dos biógrafos, aliás, credenciados, dos dois Nabuco.

No *Arquivo Nobiliárquico Brasileiro* <sup>2</sup>, no verbete referente ao barão de Itapoã – o único membro da família Nabuco que rompera a obscuridade que a envolvia <sup>3</sup> – omite-se filiação e data de nascimento do titular.

No Arquivo Nacional – a Casa da Memória, como a chamou seu ilustre antigo diretor Escragnolle Dória – guarda a lembrança do senador-barão em vários papéis a ele relativos. Não consta porém aí, nenhum desses dados. Só se estão entre os documentos conservados sob a cota Cx. 63. Doc. 18, cuja indicação informa laconicamente: “19 docs. referentes a José Joaquim Nabuco de Araújo – 1817” <sup>4</sup>.

Eram pois escassas, além de deficientes, as fontes de pesquisa a respeito.

Recentemente, porém, vieram-me ter às mãos duas pequenas monografias publicadas pelo professor Augusto da Silva Carvalho, ilustre membro das Academias Portuguesas das Ciências e de História, nas quais divulga preciosos dados sobre as raízes da família Nabuco. O primeiro desses trabalhos – *Um Cirurgião da Beira, Tronco de uma Ilustre Família do Brasil* <sup>5</sup>, reproduz documentos do mais alto interesse para o estudo em apreço; o segundo é uma nova edição de um estudo de autoria de remoto avoengo do nosso primeiro embaixador, obra de 1785 <sup>6</sup>, em cujo prefácio reuniu o erudito professor Carvalho, novos elementos para a elucidação da genealogia da mesma família.

---

2. Barão de Vasconcelos e barão Smith de Vasconcelos. *Arquivo Nobiliárquico Brasileiro*, Lausanne, 1918. pp. 218-9.

3. Joaquim Nabuco, *op. cit.* p. 1.

4. Relação de documentos referentes ao barão de Itapoã conservados no Arquivo Nacional e gentilmente enviados pelo sr. José Pires dos Santos, alto funcionário daquela repartição federal, ao A. deste trabalho.

5. Augusto da Silva Carvalho, *Um Cirurgião da Beira, tronco de uma ilustre família do Brasil*. Coimbra, 1942.

6. Manuel Fernandes Nabuco. *Observações médico-cirúrgicas e anatômicas em que se demonstra o efeito das altas doses de ópio contra as contrações convulsivas resultantes das feridas*. Com um prefácio do professor Augusto da Silva Carvalho Porto, s/d.

De posse desses dados, que me foram confiados pelo ex.<sup>mo</sup> sr. dr. José Tomás Nabuco de Araújo, juntamente com notas e informações que, havia tempos, vinha colecionando, foi-me possível, depois de um exame detido dos papéis, elaborar uma sucinta árvore genealógica, bem como um sumário biográfico de cada um de seus membros.

As conclusões a que cheguei, certamente ainda falhas e omissas, têm o único mérito de haver ordenado informações esparsas que me vieram às mãos, estabelecendo o traço de união entre os vários Nabuco dispersos nas notas que recebi.

\* \* \*

O mais remoto antepassado de Joaquim Nabuco (de que se tem notícia pelos elementos citados) é *Manuel Fernandes Nabuco*, nascido por volta de 1630 na vila de Escalhão, freguesia de Nossa Senhora dos Anjos, bispado de Lamego – localidade que se notabilizou nas lutas pela restauração portuguesa, em 1642. Casou-se ele com *Isabel Gonçalves Clara*, de quem teve dois filhos. O mais velho, homônimo de seu pai, casou-se com d. *Páscoa Macias* – filha de Francisco Gonçalves Vicente e d. *Páscoa Macias* <sup>7</sup>. O filho deste casal, *João Nabuco*, nasceu na terra dos seus maiores a 7 de julho de 1733. Foi cirurgião ajudante do cirurgião-mor do 2º regimento de infantaria e veio para o Brasil, estabelecendo-se na Bahia em 1787 <sup>8</sup>.

O segundo filho do casal *Manuel Fernandes Nabuco* – *Isabel Gonçalves Clara* chamou-se *João Fernandes Nabuco* e foi tronco de larga progênie. Sua mulher, d. *Maria Rebelo* (a certidão de batismo de seu filho diz Rebelo), era filha de Francisco Macias e d. Maria Rebelo. Qual o parentesco existente entre as esposas dos dois irmãos Nabuco, não sabemos informar.

Deixou *João Fernandes Nabuco* um filho, homônimo do avô e do tio, Manuel, e que vem a ser o tronco da família no Brasil.

\* \* \*

*Manuel Fernandes Nabuco* – o terceiro do nome, nasceu no Escalhão, a 22 de julho de 1738, sendo batizado sete dias

---

7. Augusto da Silva Carvalho, *op. cit.* p. 3.

8. Manuel Fernandes Nabuco, *op. cit.* p. XIV.

depois, conforme os bons hábitos católicos. É o que nos prova a certidão divulgada pelo professor Carvalho:

“Manuel, filho do primeiro e único matrimônio de João Fernandes Nabuco e de sua mulher Maria Rebela, neto por via paterna de Manuel Fernandes Nabuco e de sua mulher Isabel Gonçalves Clara e pela materna de Francisco Macias e sua mulher Maria Rebela, todos naturais e moradores desta freguesia de Escalhão, nasceu em vinte e dois de julho de mil setecentos e trinta e oito e em vinte e nove do dito mês e ano o batizei solenemente em a igreja da dita freguesia e na pia para isso deputado sendo padrinhos Manuel Gonçalves solteiro que assinou comigo e Clara solteira tia do batizado pela qual assinou segador sacristão da dita igreja todos moradores nesta freguesia. Do que fiz assento que assinei.

O cura coadjutor  
*Pe. Mel. Ramos Pires*”<sup>9</sup>.

Recebeu ele sua carta de cirurgia a 4 de março de 1761, sendo nomeado cirurgião-mor do 2º regimento de infantaria sediado na Bahia, do qual era coronel Manuel Xavier Ála, cargo que vagara com o falecimento de Manuel Álvares de Araújo. Nessa função foi confirmado por carta patente de S. Majestade, de 9 de julho de 1779. O excelente prefácio do trabalho que venho seguindo<sup>10</sup> transcreve a referida mercê da rainha d. Maria I e informa ainda haver sido ele reformado no posto por carta patente de 20 de julho de 1804.

Nesse mesmo ano professava na Ordem de Cristo com dez mil réis de tença, sendo dispensado da habilitação e mandado tomar hábito na igreja metropolitana da cidade do Salvador.

Por alvará de 4 de abril de 1805 era nomeado escrivão do judicial e notas da Vila de Cachoeira.

Por alvará de 28 de novembro de 1815 foi nomeado cirurgião honorário da real câmara e recebia a mercê de cavaleiro fidalgo da casa real.

Casou-se ele com d. *Maria Joaquina de Vasconcelos*, filha de Antônio Araújo e Vasconcelos e d. Maria da Conceição, de quem teve os seguintes filhos: José Joaquim, Joaquim José, Isidoro Antônio e o último, que teve o seu nome.

---

9. Augusto da Silva Carvalho, *op. cit.* p. 3.

10. Manuel Fernandes Nabuco, *op. cit.*

Dos quatro descendentes do primeiro Nabuco estabelecido no Brasil (o terceiro Manuel Fernandes Nabuco) destacam-se, no presente estudo, o primogênito e o caçula.

\* \* \*

*José Joaquim Nabuco de Araújo* (o mais velho) nasceu na Bahia, “cerca de 1762” <sup>11</sup>, tendo-se matriculado na Universidade de Coimbra em 1781, bacharelando-se em leis cinco anos depois, sendo nomeado juiz de fora da vila de Monforte do Rio Livre, a 25 de novembro de 1789.

A 13 de março de 1795 embarca para o Pará onde assume o posto de provedor dos defuntos, ausentes, capelas e resíduos, para que fora nomeado a 7 de janeiro desse ano. Três anos mais tarde, é designado para servir na capitania de Pernambuco nas funções de ouvidor, passando, 5 meses depois, a exercer o mesmo encargo que tivera no Grão Pará.

Em 1804 é nomeado desembargador da relação e casa do Porto e, logo no ano seguinte, ajudante de provedor da Coroa.

Em 1808 encontra-se de volta ao Brasil, tendo obtido passaporte para Bahia e Rio de Janeiro a 24 de outubro desse ano <sup>12</sup>.

Por carta patente de 1809 faz-lhe o príncipe regente a mercê do lugar de desembargador dos agravos da casa de suplicação do Brasil, tendo exercício no lugar de ajudante do procurador da Coroa e Fazenda. Nesse mesmo ano, um decreto de d. João declara-o responsável por todos os papéis dos tribunais e autos remetidos pelo procurador da Coroa e Fazenda, autorizando-o a servir nos seus impedimentos.

Em 1812, novo decreto do regente concede-lhe a sobrevivência do ofício de escrivão do Judicial e Notas da Vila de Cachoeira, lugar em que servira seu pai, sendo dispensado do exame e apresentação de documentos para se encartar nessas funções; e por alvará de 1817 concede-lhe El-Rei a faculdade de nomear serventuário para o dito ofício.

Em 1814 é-lhe feita mercê, pelo regente, de um lugar no Desembargo do Paço, concedendo-se-lhe, no ano seguinte, o res-

---

11. Não se pode referir a ele a certidão transcrita na obra citada sob nº 9, à p. XI. Nas notas recolhidas pelo dr. José Tomás Nabuco de Araújo, a mim confiadas, há a seguinte informação mais provável: “nascido na Bahia, cerca de 1762”.

12. Todas as informações referentes a José Joaquim Nabuco de Araújo são tiradas do prefácio citado do professor Augusto da Silva Carvalho e da lista de documentos cit. do Arquivo Nacional.

pectivo ordenado. Nesse mesmo ano é determinado que tome posse como deputado da mesa de consciência e ordens, por ofício de Caetano Pinto de Miranda Montenegro, futuro marquês da Vila Real da Praia Grande. Ainda em 1814 é nomeado chanceler da relação da Bahia. Nesse mesmo ano recebe o título de Conselho e a comenda de Cristo em 1818 e, por via dessa condecoração, a lotação de vinte mil réis.

Proclamada a Independência do Brasil, nomeia-o d. Pedro I para o cargo de procurador da Coroa, Soberania e Fazenda Nacional.

Quando se criou o Senado Imperial, pela Constituição de 1824, figurou José Joaquim Nabuco de Araújo <sup>13</sup> nas listas tríplexes apresentadas a d. Pedro I para preenchimento das vagas atribuídas às províncias do Grão Pará e da Bahia. Não fora o único nessas condições, aliás – caso em que bateu o recorde o seu companheiro na lista da província do extremo norte, o mineiro João Severiano Maciel da Costa (marquês de Queluz), que mereceu a preferência dos eleitores de seis províncias.

A respeito da escolha dos nomes que vieram compor o Senado em 1826, escreve o sr. Afonso de Taunay: “Tem-se a impressão de que estas indicações, todas sugestionadas por S. Cristóvão, visavam garantir, de modo absoluto, os candidatos do mais incenso imperial agrado” <sup>14</sup>. E, a propósito da escolha do desembargador Nabuco, comenta a imposição de seu nome “visto como a de seus dois companheiros de chapa, Queluz ficava com a Paraíba e Francisco Carneiro de Campos com a da Bahia, sua província natal.”

A carta imperial, nomeando-o senador do Império, é datada de 22 de janeiro de 1826. Até sua morte, a 20 de abril de 1840, foi o único representante do Pará na Câmara vitalícia.

Por decreto imperial de 12 de outubro de 1828 fora agraciado por d. Pedro I com o título de *barão de Itapoã* – o primeiro titular desse nome <sup>15</sup>.

---

13. D. Carolina Nabuco, em *A vida de Joaquim Nabuco* (Améric. Edit., 34 ed. vol. I, p. 2), falando desse tio-bisavô de seu pai, informa que “figurou na Constituinte”. Seu nome porém não consta da publicação da Câmara dos Deputados (*Organizações e programas ministeriais desde 1822 a 1889*, Rio, 1889, pp. 27 e segs.) nem dos *Anais do Parlamento Brasileiro, Assembléia Constituinte – 1823*, Rio, 1876. Vol. I, pp. 19 e segs.

14. Afonso de E. Taunay. *O Senado do Império*, São Paulo (1941), p. 65.

15. O segundo barão de Itapoã foi Luís Adriano Alves de Lima Gordilho, também natural da Bahia.



JOSÉ THOMAZ NABUCO DE ARAÚJO

14-VIII-1813 - 19-III-1878

(De um retrato a óleo de Vitor Meirelles Lima, pertencente a Maurício Nabuco)



Casara-se com d. *Maria Esméria Ana de Barbuda e Figueiroa*, de quem teve 5 filhos:

1. José Paulo de Figueiroa Nabuco de Araújo.
2. Joaquim Borges de Figueiroa
3. Manuel Maria de Figueiroa.

E duas filhas: Carlota Maria José e Henriqueta Esméria do Campo.

O primogênito do barão de Itapoã, *José Paulo de Figueiroa Nabuco de Araújo*, nasceu na cidade de Nossa Senhora de Belém do Grão Pará, a 28 de janeiro de 1796. Matriculou-se na Universidade de Coimbra em 1814, bacharelando-se em direito em 1819. Foi autor da *Coletânea das Leis do Brasil*, ministro do Supremo Tribunal de Justiça em 1832, tendo recebido o foro de fidalgo cavaleiro da casa imperial. Foi comendador da Ordem de Cristo do Brasil e cavaleiro das do Cruzeiro e da Rosa. Faleceu no Rio de Janeiro em 2 de dezembro de 1863, condecorado com o título de Conselho.

Casara-se com d. *Maria Emília Carolina Contreiras*, nascida em 1793 em Lisboa e falecida no Rio de Janeiro a 3 de abril de 1844. Foram pais de 5 filhos, conforme o *Anuário Genealógico Brasileiro*, Ano III, 1941, p. 59.

O segundo filho do barão de Itapoã, *Joaquim Borges de Figueiroa*, foi desembargador do paço, fidalgo cavaleiro e moço fidalgo da casa real por alvará de 22 de maio de 1815.

Seu irmão *Manuel Maria de Figueiroa*, recebeu o foro de moço fidalgo da casa real. Em 1823 estava de volta ao Rio de Janeiro, aonde viria a falecer tempos depois.

\* \* \*

*Joaquim José Nabuco de Araújo*, segundo filho do terceiro Manuel Fernandes Nabuco, irmão, portanto, do barão de Itapoã, nasceu na província do Pará, “cerca de 1775”<sup>16</sup>. Ao matricular-se, em 1793, na universidade de Coimbra, não podendo apresentar certidão de batismo, substitui-a por atestado do cônego doutoral da Sé da Bahia<sup>17</sup>.

Em 1798 bacharelou-se em leis e no mesmo ano voltou ao Brasil, sendo nomeado, em 1808, secretário do governo de Mato

---

16. Notas citadas.

17. Manuel Fernandes Nabuco, *op. cit.*, p. XIII.

Grosso. Novamente em Portugal exerce a corregedoria e provedoria da comarca de Ouriques, e é, por fim, designado para desembargador da relação do Porto em 25 de novembro de 1829.

\* \* \*

O terceiro filho do cirurgião-mor Manuel Fernandes Nabuco, *Isidoro Antônio Nabuco de Araújo*, nasceu na Bahia, em abril de 1767. Entrou para a Ordem de São Bento como noviço em 21 de maio de 1786, tomando o nome de frei Isidoro Antônio de São José.

Foi estadista da congregação em 23 de agosto de 1806, depositário do convento em 12 de outubro de 1807 e procurador geral da Ordem em janeiro de 1809. Em 1813 e 1816 foi procurador geral da província.

Faleceu em 17 de junho de 1841 <sup>18</sup>.

\* \* \*

*Manuel Fernandes Nabuco* (o quarto do nome) quarto filho do cirurgião-mor, foi tronco de numerosa descendência.

Silenciam os documentos consultados a respeito do local e data de seu nascimento. Sabe-se que obteve a carta de cirurgião passada por d. Maria I em 1782, sendo, para tanto, examinado pelos deputados da Junta do Protomedicato, em presença do comissário Antônio José Ribeiro Salomão, os quais “o deram por aprovado para exercer a dita arte” <sup>19</sup>.

Em 1799 encontra-se na Bahia, onde vem exercer a serventia vitalícia do ofício de guarda-mor da relação da cidade do Salvador, cargo para que fora norteadado por alvará do príncipe regente d. João <sup>20</sup>.

Casou-se ele com d. Mariana Josefa Joaquina de Sá Araújo, filha do sargento-mor Francisco da Cunha de Araújo <sup>21</sup> que foi comandante da fortaleza de São Filipe e São Tiago da Ribeira <sup>22</sup>. Era ela bem um tipo de mulher brasileira de fins

---

18. Notas fornecidas ao dr. José Tomas Nabuco de Araújo pelo rev.<sup>mo</sup> d. Plácido, O. S. B., de acordo com os documentos existentes no mosteiro de São Bento da Bahia.

19. Manuel Fernandes Nabuco, *op. cit.* p. X.

20. *Idem*, *idem*, p. VIII.

21. *Idem*, *idem*, p. VI.

22. Augusto da Silva Carvalho, *op. cit.* p. 4.

do século XVIII, atarefada no governo de sua grande casa, interessada na vida dos filhos e preocupada com o futuro das filhas. Dela guardou a família uma carta em que discrimina sua descendência, lacônicas informações, é verdade, mas que, conjugadas com outras, podem nos levar a recompor sua geração. Pelo interesse apresentado merece a missiva ser transcrita, conservando-se, pelo pitoresco, a ortografia original:

“B<sup>a</sup> 26 de março de 1813.

Meu mano do coração. Como a m.<sup>to</sup> tempo não tenho noticias suas e como agora me diz o Meu Filho Jozé Thomaz q. lhe escreve vou por meyo desta procurar saber de sua saúde e igualm.<sup>te</sup> da sua familia a q.<sup>m</sup> me recomendo e igualm.<sup>te</sup> as minhas filhas e filhos fazem o mesmo; eu não passo bem pois tenho estado sempre molestia (sic), asim vivo consumida com a lida da caza e familia; basta ter dois filhos militar nesta praça p.<sup>a</sup> viver sempre aflita: o Guilherme, está tenente, o Paulo Alferes, ambos no mesmo Regim.<sup>to</sup>, o Xico cazousse com huma filha de d. Brites, Jozé Thomaz cazouçe com a filha do doutor Thomaz, eles vivem nas suas cazas cada hum com a sua familia; tenho tres mininas, ahi tem a minha vida; se ca, estivera, viria como eu passo e tenho o mayor pesar de não ter esperança de o ver; inda não se cobrou a sua erança motivo de não se ter feito, o q. detreminou (sic), estimo todas as felicidades e aum.<sup>tos</sup>. A Ds. meu mano. Ds. o conserve para amparo da sua familia.

De sua mana  
do coração  
*Mariana*”.

Assinala o dr. José Tomás Nabuco de Araújo, nas notas citadas que o marido da signatária já devia ser falecido na época da carta, de vez que seu texto não lhe faz a menor referência. Quem será então o “Manuel Fernandes Nabuco, cirurgião honorário da real câmara (que) teve a mercê de cavaleiro fidalgo pelo alvará de 28 de novembro de 1815”? <sup>23</sup>. Não deve ser seu filho, de vez que, no referido trabalho que vimos citando, vem logo a seguir, a menção da mesma graça para “Manuel Fernandes Nabuco, filho doutro do mesmo nome”, a 16 de maio de 1816...

---

23. Manuel Fernandes Nabuco, *op. cit.* Aditamentos ao prefácio, p. II.

E, a propósito, comenta o ilustre filho de Joaquim Nabuco ser estranho não haver referência a este filho na carta em questão...

Do casamento do quarto *Manuel Fernandes Nabuco* com d. *Mariana Josefa Joaquina de Sá Araújo*, nasceram oito filhos:

1. José Tomás
  2. Guilherme
  3. Paulo
  4. Francisco
  5. Manuel
- E 3 filhas <sup>24</sup>.

\* \* \*

*José Tomás Nabuco de Araújo* (o primeiro do nome) primogênito do casal, nasceu no Pará em 2 de julho de 1785. Em 1811 foi nomeado secretário do governo de Mato Grosso, cargo que não chegou a exercer “deixando-se ficar na Bahia mesmo” <sup>25</sup>. Logo dois anos depois encontra-se como guarda-mor da relação. Em 1816 vai servir na secretaria do governo do Pará, onde se demora por cerca de dez anos, representando “papel saliente nas lutas da Independência” <sup>26</sup>. Inicia suas funções, diz o biógrafo do *Estadista do Império*, como secretário do conde de Vila Flor, Antônio José de Sousa de Menezes e Noronha, depois duque da Terceira, que se mostrou durante o movimento constitucional amigo decidido dos paraenses, e cuja posse, como governador da capitania se dera a 19 de outubro de 1817. E continua: “Com a organização do governo provisório em 1821 foi nomeado outro secretário, mandando, entretanto, a junta, que o antigo continuasse a receber o ordenado. A isto, não se prestou ele. Educado no cumprimento meticoloso da lei, para ele não havia pequenas claudicações. “Não quis o suplicante, dirá ele em seu requerimento de 31 de julho de 1822, este benefício da junta, porque lhe parece não ser justo gravar a Fazenda Nacional, percebendo ordenados quando não exercitava os empregos para cuja remuneração eram destinados”. De março de 1822 até janeiro de 1823, em que obteve ser nomeado juiz da alfândega do Pará, esteve José Tomás desempregado, vivendo de suas pequenas economias”. E adiante: “Com a nomeação de juiz da alfândega a

<sup>24</sup>. A ordem dos filhos não corresponde à estabelecida na cit. carta de d. Mariana, que não está de acordo com as idades.

<sup>25</sup>. Joaquim Nabuco, *op. cit.* vol. I, p. 2.

<sup>26</sup>. Idem, idem, p. 3.



JOSÉ THOMAZ NABUCO DE ARAÚJO  
2-VI-1795 - 18-III-1850  
(De um retrato a óleo hoje em local desconhecido)



situação melhorou afinal. O emprego não era retribuído senão com emolumentos percebidos das partes e que somavam 600\$. A junta de Fazenda da província assinara ao emprego o ordenado anual de 400\$, mas o Tesouro desaprovou a resolução. O juiz da alfândega recorreu ao corpo legislativo, expondo “o desar que resulta a fiscais de direitos de estarem a olhar para as mãos das partes que lhes hão de pagar os emolumentos”<sup>27</sup>.

Aí tem a oportunidade de assistir ao reconhecimento do novo Império, assinando a ata de adesão da capitania logo abaixo do então cônego arcediogo Romualdo Antônio de Seixas.

Em 1824 recebia a patente de coronel do 3º regimento de 2ª linha.

Com a instalação da Assembléia Geral, em 1826, vem o coronel Nabuco para a corte do Império, como deputado por sua província natal, tendo como companheiro de bancada o futuro arcebispo primaz, d. Romualdo Antônio de Seixas, não lhe sendo renovado o mandato para a legislatura seguinte. É nomeado, por carta imperial de 23 de julho de 1830, presidente da Paraíba, onde não se demora um ano. Volta, na terceira legislatura, à Câmara, ainda como deputado pelo Pará.

Logo depois, por carta imperial de 3 de outubro de 1836, assinada pelo regente Feijó, vai ele ocupar a presidência do Espírito Santo, onde figura na lista tríplice para a sucessão senatorial por aquela província, na vaga aberta pelo falecimento do padre Francisco dos Santos Pinto, nomeado por d. Pedro I em 1826.

Escolhido pelo regente, vai ocupar “sem brilho, votando sistematicamente com os governos”<sup>28</sup>, sua curul no Senado do Império.

Nesse posto veio a falecer, vítima da febre amarela, a 18 de março de 1850.

Casara-se duas vezes: a primeira, na Bahia, com d. *Maria Bárbara da Costa Ferreira*, filha do dr. Tomás da Costa Ferreira<sup>29</sup>, de quem teve 7 filhos. As segundas núpcias foram

27. Idem, idem, *loc. cit.*

28. A expressão é de d. Carolina Nabuco, *op. cit.*, p. 2.

29. Joaquim Nabuco (*op. cit.* p. 2) refere-se vagamente que “contraíra casamento com uma jovem baiana, filha de *um doutor Costa Ferreira*” (o grifo é nosso). Na carta citada, d. Mariana, escreve: “Jozé Thomaz cazouçe com a filha do doutor Thomaz”.

realizadas na cidade de Belém, com d. *Joana Paula de Castro da Gama Araújo*, de “uma das famílias mais consideradas do Pará”<sup>30</sup>, de quem teve 4 filhos.

Eis os onze filhos do primeiro José Tomás:

1. José Tomás. (*O Estadista do Império*, tratado erudita e vastamente no livro de seu filho Joaquim Nabuco).
2. José Maria
3. José Joaquim.
4. José Leopoldo.
5. Maria Bárbara.
6. Manuel.
7. José Augusto.
8. José Tito.
9. José Gregório.
10. José Tomás.
11. Rita de Cássia.

\* \* \*

*Guilherme José Nabuco de Araújo*, segundo filho do quarto Manuel Fernandes Nabuco (irmão, portanto, do segundo senador Nabuco – o primeiro foi o barão de Itapoã) nasceu na Bahia em 1786<sup>31</sup>. A 12 de agosto de 1809 alcançava o posto de alferes e, logo a seguir, o de tenente, no qual se encontrava em 1813, segundo a citada carta de sua mãe. Exercia suas funções na legião de caçadores da capitania da Bahia, quando, por decreto de 14 de abril de 1817 foi promovido a sargento-mor da infantaria da legião de milícias de Santa Luzia da mesma capitania. Em 1821 passou a coronel por ato do governo baiano e em 1822 foi aclamado brigadeiro pelo povo, ao ser jurada fidelidade e obediência ao primeiro imperador, posto no qual foi graduado em 23 de outubro pelo general Pedro Labatut, que o encarregou do comando da Vila da Estância e subúrbio, como seu delegado. Ocupou aí, ainda, o cargo de juiz ordinário.

Nessa ocasião desistiu, em benefício dos cofres públicos, do soldo a que tinha direito, vivendo do produto de seus três engenhos de açúcar.

---

30. Joaquim Nabuco, *op. cit.* p. 5.

31. Laurênio Lago. *Brigadeiros e Generais de D. João VI e D. Pedro I no Brasil. Dados Biográficos 1808-1831*. Imprensa Militar, Rio, 1938, p. 48. Dessa obra são todos os dados referentes a esse personagem.



*Joaquim Nabuco. Fotografia de Alberto Henschel em um álbum existente no Museu Imperial*



Em maio de 1828 foi designado, em caráter interino, para comandante das Armas da província de Sergipe.

Recebeu, em 1820, o foro de cavaleiro fidalgo da casa real e faleceu em 25 de março de 1825, sendo sepultado na igreja matriz de Santa Luzia do Rio Real.

\* \* \*

Seu irmão *Paulo Nabuco de Araújo*, era alferes em 1813, no mesmo regimento, como se verifica da citada carta de d. Mariana. Nenhuma outra informação foi possível obter.

\* \* \*

De *Francisco Nabuco de Araújo*, o quarto irmão, conhece-se apenas a referência da citada carta: “o Xico cazousse com uma filha de d. Brites” e adiante: “eles vivem em suas cazas cada hum com a sua familia.”

\* \* \*

Deixei, propositalmente, sem maior referência, o segundo José Tomás Nabuco de Araújo, o *Estadista do Império*, bem como o seu filho (autor de sua biografia) nosso primeiro embaixador – Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo.

São figuras por demais brilhantes no cenário nacional para se diluírem em simples anotações genealógicas. De ambos, aliás, existem trabalhos biográficos à altura de biógrafos e biografados e não teria eu maior cuidado que copiar os dados e alinhar as datas.

De Joaquim Nabuco possui o Museu Imperial um interessante retrato, que faz parte de um álbum de fotografias de personagens da época imperial e de autoria do fotógrafo Alberto Henschel, datado de 1881, e cuja reprodução ilustra as presentes notas.

*Lourenço Luís Lacombe*

Departamento de Imprensa Nacional  
Rio de Janeiro - Brasil - 1953